



35

Boletim contexto

ABPMC | dezembro de 2011 | n. 35 | ISSN 2178-583X

- Despedida da Presidente
- Aos amigos, parceiros, colaboradores, colegas e sócios da ABPMC
- O estudo do controle aversivo no Brasil: Um breve panorama histórico
- Afinal, somos behavioristas metodológicos?
- Somos todos behavioristas metodológicos
- Centro de Análise do Comportamento de São Paulo (CeAC)

Diretoria ABPMC gestão 2010/2011

Presidente

Maria Martha Hübner (USP)

Vice-Presidente

Denis Roberto Zamignani (Núcleo Paradigma)

Primeira Tesoureira

Roberta Kovac (Núcleo Paradigma)

Segunda Tesoureira

Sonia Beatriz Meyer (USP)

Primeiro Secretário

Ricardo Corrêa Martone (Núcleo Paradigma)

Segundo Secretário

Roberto Alves Banaco (PUC-SP e Núcleo Paradigma)

Conselho Consultivo

Vera Regina L. Otero (Ribeirão Preto)

João Claudio Todorov (IESB Brasília)

Deisy das Graças de Souza (UFSCar)

Francisco Lotufo Neto (IPq HC FMUSP)

Maly Delitti (PUC-SP)

Maria Amalia Pie Abib Andery (PUC-SP)

Vera Raposo do Amaral (PUCCAMP)

Membros Permanentes do Conselho Consultivo

Bernard Pimentel Rangé (UFRJ)

Hélio José Guilhardi (ITCR Campinas)

Roberto Alves Banaco (PUC-SP)

Rachel Rodrigues Kerbauy (USP)

Maria Zilah Brandão (PSICC)

Wander Pereira da Silva

Maria Martha Hübner (USP)

Expediente

Boletim Contexto

Uma publicação eletrônica da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC) São Paulo, n. 35, dezembro de 2011

Coordenação editorial

Dante Marino Malavazzi

Jan Luiz Leonardi

Colaboração especial

Denis Roberto Zamignani

Projeto gráfico e diagramação

Eduardo Musa e Silvia Amstalden



Sumário

Despedida da Presidente 4

por Maria Martha Costa Hübner

Aos amigos, parceiros, colaboradores, colegas e sócios da ABPMC 9

por Denis Roberto Zamignani

O estudo do controle aversivo no Brasil: Um breve panorama histórico 13

por Bruna Colombo dos Santos e Maria Eliza Mazzilli Pereira

Afinal, somos behavioristas metodológicos? 19

por Cassia Roberta da Cunha Thomaz

Somos todos behavioristas metodológicos 24

por Marcus Bentes de Carvalho Neto

Centro de Análise do Comportamento de São Paulo (CeAC) 31

Despedida da Presidente



Prezados associados,

Após quatro anos na presidência da ABPMC, despeço-me. No planejamento dessa despedida, elaborei o texto de abertura, apresentado no XX Encontro, que abaixo transcrevo. Nele, vocês acompanharão minha análise da trajetória que percorri como presidenta, de 2008 a 2011, culminando na programação internacional do XX Encontro e de alguns aspectos de seus bastidores.

Na ocasião em que encaminho este texto para o *Boletim Contexto*, o Natal de 2011 se aproxima, bem como o Ano-Novo, de 2012. A todos os associados, um lindo Natal e um Ano-Novo repleto de energias renovadas.

À nova gestão desejo um único enfoque: muito amor, seriedade e dedicação à nossa ABPMC! Já antevejo o sucesso!

Discurso de Abertura do XX Encontro da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental e I Encontro Sul-Americano de Análise do Comportamento

Salvador, 7 de setembro de 2011.

Prezados colegas convidados, que aqui compõem esta mesa de abertura, uma mesa que se configura, pela importância de cada um que aqui está e pelo que representam, a mesa de abertura de maior representatividade institucional que já tivemos na história da ABPMC, por envolver associações científicas nacionais e internacionais que têm em sua história a dedicação à análise do comportamento e à psicologia comportamental e cognitivo-comportamental;

Prezados conselheiros da ABPMC, que aqui cumprimento na pessoa de Vera Otero, uma das sócias-fundadoras da ABPMC e membro eleito de seu Conselho;

Prezados colegas de diretoria e demais comissões, que aqui cumprimento na pessoa de Denis Zamignani, vice-presidente da ABPMC e presi-

dente do XX Encontro da ABPMC e do I Encontro Sul-Americano de Análise do Comportamento;

Dra. Maria Malott, presidente-executiva da Association for Behavior Analysis International (ABAI), a maior associação científica do mundo em análise do comportamento;

Dra. Paula Gomide, presidente da nossa querida Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP);

Dr. Guillermo Rodriguez, presidente da Associação Latino-Americana de Modificação de Comportamento;

Dr. Wilson Lopez, presidente da Associação de Análise do Comportamento da Colômbia;

Dr. Erik Arntzem, presidente da Associação Europeia de Análise do Comportamento;

Prezados convidados internacionais, que vêm de três diferentes continentes, saúdo a todos na pessoa de Sigrid Glenn, uma grande pesquisadora e teórica no tema *cultura* e que tanto vem contribuindo com o desenvolvimento desta área de pesquisa e discussão em nosso país.

Querida Comissão Organizadora Local, coordenada pela psicóloga Ana Claudia Souza, a quem cumprimento *todos e cada um*. Nos moldes da SBP, que leva seus congressos anuais por

todo o país, é também a primeira vez que o grupo que dirige a ABPMC, grupo esse sediado em São Paulo, dispõe-se a propor um Encontro, com essas dimensões, fora do local de origem de seu grupo. Isso revela, a meu ver, mais um avanço em nossa maturidade, em assumir sua *identidade nacional* com o decorrente trabalho de difusão e desenvolvimento da área por *todo* o país.

Assim, trabalhamos com uma Comissão Local. Como já trabalhei antes neste formato, como presidenta que fui da SBP por quatro anos, posso dizer que nunca vi uma Comissão Local tão animada e envolvida. Nas reuniões locais e online que fizemos, víamos e percebíamos as dificuldades encontradas, sempre muitas, é claro, quando se têm recursos limitados. Mas não vi ninguém esmorecer em nenhum momento.

Nos últimos dias que antecederam o evento, em meio às nossas madrugadas de trabalho, e-mails organizados e competentes vindos da coordenadora da Comissão, Ana Claudia, indicavam a agenda operacional pré-congresso da Comissão e acrescentavam um tom da envolvente musicalidade baiana. Os e-mails tinham por título "Acelaraê", lembrando a música de Ivete Sangalo, que serviu de bálsamo nas madrugadas de insônia de nossa tesoureira Roberta Kovac, que fazia e refazia nossas contas diariamente para que pudéssemos ter um congresso sem prejuízos para a associação e que pudesse, ao mesmo tempo, ser de qualidade, com o conforto de sempre, mas com muita parcimônia nos gastos, para que possamos passar à gestão seguinte a verba para comprarmos, após 20 anos, nossa sede própria. Já não é sem tempo!!! Sonhamos com isso!!!

Obrigada, Comissão Local, pelo jeito baiano de nos fazer trabalhar mais leves, mas sem perder, em nenhum minuto, a competência e a seriedade.

E saúdo agora a nossos amados associados da ABPMC, *nossa razão do fazer e do continuar fazendo!*

A ABPMC está no Nordeste! Isso é maravilhoso!

É um grande deleite poder ver a análise do comportamento em uma moldura tão linda e inspiradora como este mar que nos ladeia, e com gente tão especial, como já disse, tão trabalhadora e disposta a nos mostrar, nesses quatro dias, o que diz o refrão de Caymmi: "O que é que a baiana tem?"; O que é que os baianos têm? Como também já disse, nós descobrimos outras coisas além daquelas mundialmente conhecidas

- uma enorme disposição e competência em nos ajudar e em conseguir fomentos. Pela primeira vez, conseguimos o apoio da Petrobrás e *foram os baianos que conseguiram!!!* Foi uma Comissão Local que nos ajudou a organizar um empreendimento internacional como este, com o charme, o sabor e o ritmo que nos move cantarolando.

Como já disse em meu texto de abertura do programa, se Skinner tivesse tido a oportunidade de conhecer a Bahia, a análise do comportamento teria sido ainda melhor!!!

Pela primeira vez, vimos nosso congresso ser divulgado junto ao pão de cada dia, na região de Alagoinhas, interior da Bahia, em *30 mil sacos biodegradáveis de pão.*

Nossos agradecimento à empresa Publipan. Foi uma iniciativa criativa e simples da Comissão Local, conduzida nesse item por Maria da Conceição. Vocês conseguiram levar a imagem do nosso congresso a tanta gente, gente simples, gente humilde, gente de todo jeito, pareando-o com um reforçador primário tão belo como o pão de cada dia, que alimenta, que sustenta. *Que a ABPMC continue assim, pareada a essa imagem de alimento e sustentação pelas ações que realiza!!!*

Genial! Isso é Bahia!

Em uma entrevista ao grupo Comporte-se, em abril último, quando estive aqui em Salvador para reuniões e para Jornada de Análise do Comportamento de Salvador, me perguntaram por que a ABPMC estava vindo para o Nordeste e começando por Salvador. Minha resposta basicamente mostrou a necessidade de sairmos dos grandes centros (Sudeste), em que já somos muitos, para as regiões em que precisamos crescer ainda mais. E nada melhor do que começar por uma região do Nordeste que tem feito um trabalho constante e profícuo pela análise do comportamento, já tendo realizado até hoje *sete jornadas* de análise do comportamento, o que a torna um centro retransmissor e produtor de conhecimento analítico-comportamental.

Assim, um sonho antigo se concretiza, sonhado desde o primeiro momento em que decidimos circular pelo país e saímos para Londrina, na gestão de Zilah Brandão. Voltamos para o Estado de São Paulo nos anos seguintes e, bem solidificados, fomos ao Centro-Oeste em 2006 e 2007. De volta à São Paulo, nossa gestão 2010-2011 voltou a pensar em sair da situação confortável de estar perto do maior contingente de AC (a própria cidade de São Paulo) e, como num processo de

modelagem, fomos um pouquinho mais longe de grandes metrópoles paulistanas e alcançamos as montanhas de Campos de Jordão em 2010.

Penso hoje, metaforicamente, que Campos de Jordão foi uma parada estratégica para dar aos nossos associados um local prazeroso para divulgarem suas pesquisas, estudos e atendimentos clínicos, além de um descanso das viagens que teremos de percorrer daqui por diante.

Carolina Bori, em discurso na UFSCar, por ocasião da JAC São Carlos, ao falar da ABPMC, disse que havíamos iniciado *um movimento itinerante* quando fomos à Londrina e que isso precisaria ser melhor analisado e observado. Ao final deste Encontro e com as implicações positivas advindas, que tenho certeza virão, saberemos a resposta a essa pergunta de Carolina Bori.

A Associação maior em análise do comportamento, a nossa querida ABAI, em seus 37 anos, realiza congressos anuais, cada vez em uma cidade diferente dos Estados Unidos. Cresceu tanto que passou a fazer o mesmo, a cada dois anos, em diversas regiões do mundo (2004 foi no Brasil e, neste ano, em Granada, na Espanha, sob a coordenação do Brasil, dada a minha função de representante internacional junto ao Conselho Executivo da ABAI).

Nesse sentido, o I Encontro Sul-Americano de Análise do Comportamento pode ser o primeiro de uma série e nem sempre precisa ser no Brasil. Nossos colegas sul-americanos estão aqui conosco e, juntos, discutiremos os rumos futuros dessa iniciativa da ABPMC. Sabemos que somos o maior grupo de analistas do comportamento do mundo, fora dos EUA. Não podemos fugir de nosso papel nessa liderança. Assumindo de fato essa posição, podemos contribuir muito e de modo absolutamente democrático e em nível de parcerias para o crescimento da AC na América do Sul.

Ao falar que não podemos fugir, penso que hoje, 7 de setembro, Dia da Independência, Dia de Pátria, é um dia bastante propício para essa reflexão, pois me remete a uma parte de nosso hino que me é bastante cara: *“Um filho seu não foge à luta!”*

Mas, para fazer tudo isso, é preciso ter a concepção e a visão dessa liderança e gente que tem o chamado *“espírito empreendedor”*, que compartilha essa visão e que apresenta uma boa dose de coragem e otimismo. Não tivesse esse perfil, não fosse a persistência, ousadia e trabalho duro de nosso presidente do Encontro,

Denis Zamignani, é possível que acabássemos hoje no Centro de Convenções Rebouças, ali bem perto da USP, onde eu trabalho, e perto do Núcleo Paradigma, onde o Denis trabalha.

O fato é que, além da regra de que tínhamos de ir além de São Paulo, fomos também sendo conquistados pelas contingências do dia a dia, pela competência baiana, pela criatividade, e aqui estamos felizes e honrosos.

Estamos realizando o que podemos chamar do segundo encontro internacional na história da ABPMC: o primeiro foi em 2004, quando Maria Malott, que aqui está, Helio Guilhardi e eu trabalhamos juntos na Comissão Executiva do Encontro para que fizéssemos os dois congressos juntos. Já antevejo que repetiremos o sucesso daquele grandioso evento.

Embora sul-americano, vocês verão, no programa, que há também convidados portugueses, noruegueses, norte-americanos e irlandeses. Isso reside no fato de que a internacionalização da ciência é um fenômeno positivo e irreversível. As fronteiras, no plano da ciência, são virtuais e, mesmo quando se estudam questões próprias de cada país, outras nações podem se beneficiar dos processos comportamentais ali descritos e analisados.

A presença de analistas do comportamento de Portugal, Reut Peleg e Nicole Dias, jovens analistas do comportamento aplicados, originou-se da preocupação em estreitar as interações no nível de aplicação, entre nossos dois países, no tocante ao desenvolvimento da análise do comportamento para pessoas com desenvolvimento atípico, com o conforto de falarmos a mesma língua. *Lá eles são poucos e nós aqui mais* e precisamos estar preparados, com um contingente maior, para o *boom* de procura aos analistas do comportamento que está havendo no Brasil e em Portugal nos últimos cinco anos. Para esse contingente de preparo estratégico, descobrimos também analistas do comportamento em nossa vizinha Argentina, como Manuela Fernandes Vuelta.

Os maiores grupos brasileiros que trabalham com essa população, o grupo argentino e o grupo português, estarão aqui ministrando seus cursos e se reunindo em uma mesa-redonda para somarmos forças e iniciar intercâmbios com vizinhos histórica e geograficamente mais próximos.

Mas precisamos também pensar na ABPMC como uma prática cultural que pode transformar uma sociedade. Convidamos nosso colega Wilson Lopez, da Colômbia, que abordará, como

Glenn e Ingumm Sundaker da Noruega, como Leslie, da Irlanda, temas relacionados à cultura e à sustentabilidade, especificamente. Wilson também representa a Federação Ibero-Americana de Psicologia, a quem agradecemos pelo apoio à estada do professor Wilson em nosso país. Ele, por sua representação, simboliza uma ponte com os centros espanhóis, portugueses e colombianos e poderá nos ajudar imensamente a maximizar a atuação comportamental para mudanças sociais.

Neste XX Encontro, já instituímos o prêmio a trabalhos sobre comportamento humano e sustentabilidade, tema do Encontro, e esperamos que os desdobramentos desse prêmio, somados à presença de Sigrid Glenn, de Ingumm Sundaker, de Wilson Lopez e dos nossos pesquisadores brasileiros sobre o tema, tenham sido contingências reforçadoras para que mais trabalhos na análise comportamental da cultura emirjam em nosso país.

Nossos colegas e convidados norte-americanos não poderiam faltar a um momento histórico como o que aqui vivemos neste XX Encontro e I Encontro Sul-Americano: há uma tendência mundial em seguir o modelo norte-americano de certificação de analistas do comportamento (conhecido como BCBA ou BACB), mas dois convidados especiais norte-americanos que aqui estão - Sigrid Glenn e Jack Marr - foram convidados justamente para debater esse modelo, analisar a experiência norte-americana de 20 anos e analisá-lo criticamente conosco, junto com colegas brasileiros que vêm estudando o assunto (como Roosevelt, Lotufo Neto, na experiência com a Psiquiatria, Amalia Andery com sua longa experiência na CAPES e agora na direção da graduação de psicologia).

Na área de interesse tradicional e forte da ABPMC - a terapia comportamental e a terapia comportamental-cognitiva-, optamos por trazer pesquisadores que discutissem o que temos de novidades nas tendências recentes, nas novas propostas de terapia. Kelly Wilson e Michael Dougher estão aqui, para discuti-las conosco e relacioná-las com a análise do comportamento, juntamente com Oswaldo Rodrigues, Lotufo Neto e outros brasileiros.

Um aspecto importante deste cenário é que toda a concepção deste XX Encontro e do I Encontro Sul-Americano, bem como seu programa, foram avaliados por nossos pares, nas agências nacionais de fomento, e conseguimos a aprovação do CNPQ, da CAPES e da FAPESP, que mais

uma vez nos apoiaram, com recursos importantes, dando-nos não apenas condições de realizar o congresso, mas a certeza de que o que aqui oferecemos foi avaliado pelas respeitadas agências de fomento do país, o que nos fortalece e aumenta nosso prestígio junto à comunidade científica!!!

Continuamos também em interações estáveis e frutíferas com outras sociedades científicas nacionais e internacionais, temos um representante oficial da ABPMC junto à SBPC – Candido Pessoa, que organizou um série de atividades na última reunião em Goiânia, algumas delas voltadas à sustentabilidade e ao comportamento humano. Ao mesmo tempo, muitos de nossos conselheiros são também conselheiros atuantes da SBP. Nossa inserção e visibilidade internacional tornou-se maior, na medida em que todos os anos apresentamos em exposição na ABAI as atividades e conquistas da ABPMC e nas ABAI fora dos EUA sempre somos convidados e descrever o que temos feito aqui no Brasil, juntamente com outros países.

Nossas publicações continuam vivas, dinâmicas e ativas: a revista está em formato eletrônico, com hospedagem gratuita e domínio USP; neste congresso, já foi lançado o Volume 13; a coleção *Sobre Comportamento e Cognição* transformou-se também online, gratuita aos sócios, com ISBN e, em outubro, um novo volume com 55 artigos foi lançado.

Finalmente, assumimos definitivamente nossa função de representar os behavioristas, o behaviorismo e a análise do comportamento; no último ano, pedimos correções às questões equivocadas do ENEM sobre o behaviorismo, o que nos foi prometido para o próximo exame; escrevemos para a revista *Veja* e para vários blogs relacionados, explicando à comunidade *por que Dunga não é um behaviorista*, por que aquilo que fazia a falsa psicóloga Beatriz Cunha nada tinha a ver com os princípios que defendemos e, em conjunto com a SBP, enviamos cartas públicas em protesto a ações do CFP contra o chamado “depoimento sem dano”. Como vêem, o trabalho não é pequeno, mas a paixão pela AC é grande. Assim como a paixão de muitos de vocês.

Neste ano de 2011, estamos em processo de eleição para que um novo grupo possa assumir esse sonho e ter a alegria que estamos tendo hoje em poder oferecer a vocês conquistas. Já temos uma chapa inscrita e vitoriosa, de gente corajosa e jovem como meu vice-presidente e eu. Aprendi com a professora Carolina Bori que

uma boa presidenta não termina sua gestão sem planejar a sucessão. Fizemos isso em conjunto com toda a diretoria durante um ano. Muitos de vocês, líderes-seniores, foram por nós consultados sobre a possibilidade de se candidatarem. Na escassez de candidatos na faixa etária entre os 50 e 60 anos, passamos a procurar e analisar na faixa dos 30. Foi aí que encontramos um grupo disposto a continuar todo esse trabalho; arregaçaram as mangas e se candidataram. O futuro da ABPMC está muito promissor.

Mas, voltando ao presente, eu termino e deixo agora meu forte abraço a cada um de vocês, desejando que tenham profícuos, agradáveis e produtivos dias, aproveitando tudo o que planejamos com muito cuidado para vocês!!!

E a todos os baianos aqui presentes, meu abraço especial.

Maria Martha Costa Hübner
Presidenta da ABPMC
De 2008 a 2011



Aos amigos, parceiros, colaboradores, colegas e sócios da ABPMC

Denis Zamignani¹

Queridos amigos, parceiros, colaboradores, colegas e sócios da ABPMC,

Começo este texto da mesma forma como começamos, ao longo dos últimos dois anos, todas as comunicações que enviamos a vocês. A escolha do formato reflete um pouco do significado que tem, para nós, a última publicação desta gestão da ABPMC. É inevitável um certo tom nostálgico, pois, apesar das inúmeras dificuldades que envolvem a gestão de uma associação como esta, os dois últimos anos foram carregados de bons momentos que marcarão para sempre a nossa história. Eu poderia enumerar aqueles que me vêm à memória nas próximas linhas, mas, além do risco imperdoável de deixar de fora pessoas e histórias importantíssimas, o texto ocuparia todo o espaço destinado a este Boletim.

Gostaria de destacar também o uso, neste e em todos os outros textos que escrevi ao longo desses dois anos, do *nós*, ao me referir ao trabalho desenvolvido. Destaco isso para deixar claro que não se trata apenas de plural majestático, mas de uma genuína referência a um trabalho que não foi desenvolvido por uma ou outra pessoa, mas por uma equipe enorme a qual nós tivemos a incumbência e a honra de coordenar. Digo isso para reafirmar algo que aqueles que estiveram junto de nós puderam constatar: em todo o tempo, tivemos um grande cuidado para que a nossa passagem pela diretoria da Associação não deixasse sequer a ideia de que trabalhávamos pelo favorecimento de uma ou outra pessoa ou instituição. Procuramos trabalhar com a máxima

transparência, comunicando e justificando cada decisão tomada. Sabíamos que tal postura abriria a possibilidade de críticas, mas acreditamos que o debate (desde que respeitoso) é parte essencial do funcionamento de uma Associação.

Eu deveria falar agora sobre o XX Encontro da ABPMC, mas é impossível referir-me a ele sem uma menção ao contexto no qual ele foi gerado, que diz respeito à Associação como um todo.

Tivemos como atual diretoria a responsabilidade de estar à frente da ABPMC em um momento especial. Nossa Associação comemorava 20 anos de existência. Nessas duas décadas, a ABPMC cresceu em número de associados e amadureceu muito, exercendo hoje com distinção seu papel na disseminação e fortalecimento da análise do comportamento e da psicologia cognitivo-comportamental em nosso país.

A atual diretoria assumiu com afinco a continuidade dessa empreitada, fazendo o que estava ao nosso alcance para honrar essa história.

Ao assumir esse desafio, sabíamos que a ABPMC não poderia ser uma associação voltada apenas para seus próprios associados. Acreditávamos que era o momento de a ABPMC mostrar às comunidades leiga, profissional e científica que nossos profissionais e pesquisadores contribuem para a sociedade por meio de seu conhecimento produzido e de seus serviços prestados.

Para a primeira delas propusemos o programa *ABPMC Comunidade*, ampliação da proposta de diretorias anteriores. Com o apoio do Parque Tecnológico de Itaipu, começamos nosso primeiro desafio na cidade de Foz do Iguaçu, a partir de 2010. Em 2011, foi a vez da cidade de Salvador, sede da segunda etapa do projeto. Além de atividades realizadas ao longo de todo o ano de

¹ Vice-presidente da ABPMC no biênio 2010-2011.

2011, com a coordenação de Ana Lúcia Ulian, tivemos no XX Encontro um conjunto de atividades voltadas à comunidade, levando à população da região diversos temas de seu maior interesse.

Respondemos também à comunidade por meio de cartas e comunicados, em defesa da área, quando surgiu na imprensa algum tema que colocava em questão a ética ou a validação de nossos procedimentos, técnicas e teorias.

A mesma preocupação com o valor social de nosso conhecimento levou à escolha do tema *comportamento humano para um desenvolvimento sustentável*. O tema diz respeito a uma questão extremamente relevante e atual. Há muito tempo a tecnologia da análise do comportamento tem contribuído com soluções criativas e propostas inovadoras no manejo de questões ambientais. Sabemos que a atual mobilização em defesa de um mundo sustentável se refere à - nada mais, nada menos - promoção de mudanças de comportamento humano. A defesa de um desenvolvimento sustentável envolve mais que a conscientização das pessoas sobre a finitude de nossos recursos naturais. Envolve o desenvolvimento de novos padrões de interação do indivíduo com cada aspecto de seu cotidiano. Indivíduo este que, desde suas primeiras ações ao acordar, se depara com escolhas que podem priorizar suas necessidades individuais ou a sobrevivência do grupo. O XX Encontro foi um evento totalmente sustentável. Com a consultoria de Angela Perondi, pudemos fazer com que cada detalhe do Encontro fosse pensado para ter seu impacto ambiental minimizado.

Era a hora também de a diretoria da Associação se aproximar mais de seus associados. Decidimos ampliar a comunicação da Associação em todas as direções. O site da Associação foi separado do site do Encontro, de modo a dar mais destaque às atividades da Associação voltadas à comunidade e aos profissionais a ela associados. Nosso boletim foi totalmente repaginado, contando com o trabalho impecável de editoração e organização de Dante Malavazzi e Jan Leonardi. Criamos uma página no Facebook e uma conta no Twitter, para agilizar a comunicação, acompanhando as mudanças culturais trazidas pelas redes sociais.

A criação desses novos canais de comunicação foi bastante proveitosa, pois permitiu que muitos associados trouxessem contribuições, esclarecessem suas dúvidas e participassem mais da

Associação. Além disso, foi possível divulgar com mais agilidade as informações sobre a Associação e o Encontro, ampliando o alcance de nossa comunicação por meio da facilidade de propagação de informações propiciadas pelas redes sociais.

A preocupação com uma melhor comunicação refletiu-se também na própria organização do livro de programação do Encontro. O programa apresentava um índice remissivo, que facilitava a localização das atividades por autor, além de um mapa diário, facilitando a localização das atividades simultâneas. Por último, inserimos também ao final da programação o regulamento adotado pela Comissão Científica, sempre visando à transparência de nossas decisões.

Ainda tendo como meta que a ABPMC fosse mais representativa do perfil de nossos associados, atendendo às inúmeras solicitações dos profissionais e pesquisadores, demos início ao processo que culminou na mudança da denominação da ABPMC para Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental.

A realização do Encontro na cidade de Salvador também veio ao encontro de muitas solicitações de profissionais do Nordeste que, há anos, têm contribuído com trabalhos de altíssima qualidade para a realização do Encontro.

Como resultado dessas e de muitas outras ações, pudemos constatar no XX Encontro da ABPMC um retorno muito positivo das mais diversas esferas sociais. Como apontado por nossa conselheira Maria Amalia Andery, obtivemos o reconhecimento de nossos pares, da comunidade científica e da sociedade.

O primeiro reconhecimento pode ser constatado por meio do número expressivo de participantes do Encontro, das mais diferentes regiões do país, e do número de instituições afiliadas.

A Figura 1, a seguir, mostra o total de participantes e sua distribuição nas diferentes regiões do país. Pode-se notar que o XX Encontro trouxe 1500 participantes de 25 Estados na União, um número de participantes 20% maior que o Encontro anterior, realizado em Campos do Jordão. Entretanto, o dado mais interessante é a expressiva participação de pessoas da região Nordeste. Houve um aumento de 500% no número de participantes dessa região em comparação ao ano anterior sem, no entanto, inibir significativamente a participação das regiões Sudeste e Sul. Podemos concluir destes números que a realização do Encontro no Nordeste

permitiu atingir um público que até então não frequentava os Encontros da ABPMC.

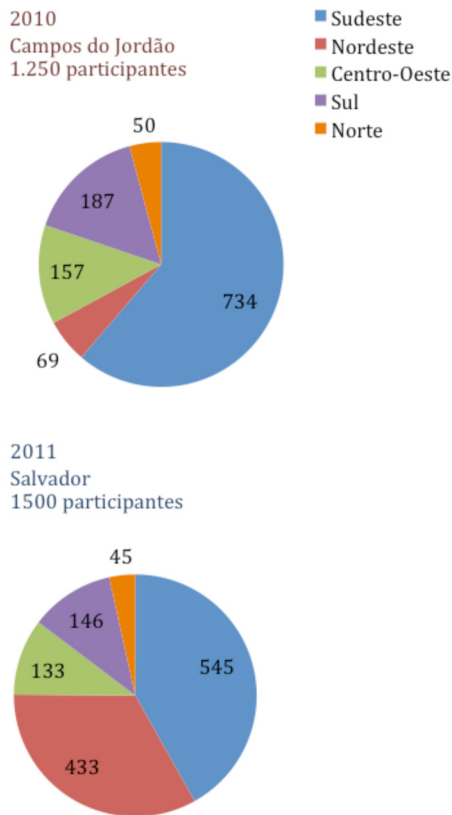


Figura 1. Distribuição dos participantes por região (25 Estados representados em 2011).

Ainda, a Figura 2 mostra a distribuição dos participantes por categoria. É importante notar que mais da metade dos participantes foi constituída por profissionais já atuantes (estudantes de pós e profissionais), demonstrando a consolidação e o reconhecimento da proposta da Associação pelos profissionais de nossa área. Por outro lado, o grande número de estudantes é importante para a renovação do quadro de associados e a disseminação das abordagens.

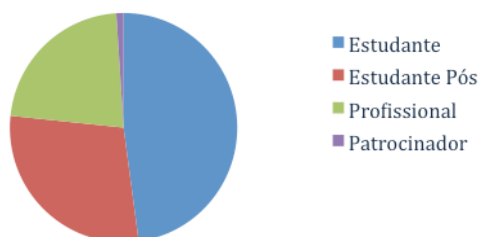


Figura 2. Participantes do XX Encontro por categoria.

O reconhecimento interno também pode ser constatado pelo número de parceiros e de instituições que se afiliaram à ABPMC no ano de 2011. Tivemos o apoio internacional da ABAI (*Association of Behavior Analysis International*), além da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e da FIAP (Federação Internacional de Associações de Psicologia) e de 18 instituições que contribuíram não apenas financeiramente, mas especialmente com seu prestígio para fortalecer ainda mais nossa Associação: AMBAN – São Paulo, SP; CeAC – São Paulo, SP; CEMP – Fortaleza, CE; Faculdade Evangélica Curitiba, PR; Gradual – São Paulo, SP; HU – USP – São Paulo, SP; IACEP – Londrina, PR; IACEP – Ribeirão Preto, SP; IBAAC - Salvador, BA; IBAC – Brasília, DF; INBIO – Ribeirão Preto, SP; Interac – São José dos Campos, SP; IPECS – São José do Rio Preto, SP; ITCR – Campinas, SP; Neulogic Consultoria – São Paulo, SP; Núcleo Paradigma - São Paulo, SP; PsicC – Londrina, PR; Psicolog – Ribeirão Preto, SP.

O XX Encontro da ABPMC foi também reconhecido pela comunidade científica, obtendo o financiamento das agências de fomento Capes, CNPQ e FAPESP. Mais uma vez, essas entidades depositaram sua confiança no trabalho de qualidade desenvolvido há 20 anos por nossa Associação.

Por último, e não menos importante, o reconhecimento da comunidade à nossa Associação pôde ser constatado pelo número de parceiros, patrocinadores e expositores. Como parceiros e patrocinadores, pudemos contar com a Petrobrás, a Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, a Editora Juruá e o Convention Bureaux de Salvador. Como expositores, tivemos a participação de Brasil Açú Artesanato; AMBAN – São Paulo, SP; Editora ESETec; Editora Juruá; Editora Scala; Editora Vozes; Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública; Folha Mística Artesanato; Fluência RH; IPECS – São José do Rio Preto, SP; IBAC – Brasília, DF; Insight equipamentos científicos; LDM Livraria; Livraria Larpsi; Núcleo Paradigma – São Paulo, SP e TVMED.

Graças ao apoio de tantas instituições e ao trabalho de tantas pessoas (já mencionadas no artigo de nosso último boletim), pudemos realizar um grande Encontro, que foi abrilhantado por 19 conferências, 26 palestras, 21 simpósios, 53 minicursos, 57 mesa -redondas, 25 comunicações coordenadas, 219 comunicações orais, 155 painéis científicos, 77 painéis de relato de

experiência, 6 palestras para a comunidade, 22 atividades de primeiros passos e 3 supervisões públicas. Além da programação habitual, durante o XX Encontro ocorreu a cerimônia do I Prêmio ABPMC Sustentabilidade. O Prêmio foi idealizado por esta diretoria e conduzido por três associados aos quais somos muito gratos: Angela Perondi Pittel, Marcelo Benvenuti e Candido Pessoa. Foram 10 trabalhos submetidos, dos quais três foram selecionados e apresentados em uma mesa-redonda especial.

Como já foi dito em outras ocasiões, um Encontro como o da ABPMC é muito mais que uma reunião científica. É uma grande reunião de amigos que compartilham ideais comuns. E a construção disso tudo exige trabalho, organização e empenho de muitas pessoas. Sei, sem a menor sombra de dúvida, que todos que fizeram parte da organização deram o máximo de si para proporcionar o melhor a cada um de nós nos quatro dias que se seguiram. O esforço conjunto destas e de tantas outras pessoas - complementado pelo apoio e confiança de cada um dos participantes, estudantes, pesquisadores, professores, profissionais e entusiastas da análise do comportamento e da psicologia cognitivo-comportamental de nosso país e de nosso continente - foi fundamental para fazer deste evento mais um grande sucesso.

O Futuro da ABPMC

Tudo o que foi escrito até então disse respeito a nosso passado recente. O futuro que se aproxima também é bastante promissor, pois sabemos que nos próximos dois anos a ABPMC estará em muito boas mãos...

Declaro aqui o meu apreço e admiração pelo grupo dinâmico e empreendedor que assumiu a próxima gestão da ABPMC. Tive o prazer de trabalhar em diferentes contextos com cada uma das componentes da nova diretoria e posso declarar sem sombra de dúvida que elas têm a garra e a capacidade de trabalho necessárias para levar à frente a empreitada à qual se propuseram. Antes mesmo de assumirem seu posto, elas já vêm demonstrando evidências de sua grande capacidade de organização, planejamento e execução. Nosso XXI Encontro já tem data e local definidos - será realizado em Curitiba, de 15 a 18 de agosto de 2012 - e os preparativos estão em ritmo acelerado. Em breve, teremos também excelentes notícias a

respeito do projeto ABPMC Comunidade.

Encerro este texto com a sensação de dever cumprido e com a certeza de que ainda há muito por fazer. Em nome da diretoria e de todos os associados da ABPMC, agradeço aos que tornaram o nosso XX Encontro uma realidade. Agradeço também pela confiança depositada e pelo apoio maciço de um enorme número de pessoas que viabilizaram a realização de todas as ações desta gestão. Dou as boas vindas às novas componentes da diretoria, desejando uma gestão de harmonia e sucesso e declarando meu total apoio para que todas as suas metas sejam atingidas.



O estudo do controle aversivo no Brasil: Um breve panorama histórico¹

Bruna Colombo dos Santos e Maria Eliza Mazzilli Pereira

Controle aversivo é um domínio² dentro da análise do comportamento. Alguns autores esboçaram uma definição sobre esse domínio, entretanto as definições nem sempre convergem. Além disso, a nomenclatura utilizada para se referir aos mesmos fenômenos nem sempre é a mesma.

Matos (1981), ao apresentar o controle aversivo como sua área de estudos, coloca a seguinte definição:

isso [dizer que estuda controle aversivo] significa que estudo o comportamento de seres biologicamente vivos, investigando como esse comportamento é afetado por técnicas aversivas, isto é, técnicas que envolvam variáveis ou procedimentos de caráter desagradável, nocivo, e que representem prejuízo às chances de sobrevivência do organismo em questão. (p. 1)

Hineline (1984) e Gongora, Mayer e Mota (2009) definem *controle aversivo* como domínio ou área que engloba punição e reforçamento e negativo. Catania (1999), Perone (2003) e Pierce e Cheney (2004) não chegam a propor uma definição de controle aversivo (e.g., "Controle aversivo é definido como . . ." ou "Entendemos por controle aversivo . . ."), embora também tratem do tópico englobando reforçamento negativo e punição.

Todavia, observa-se que outros processos e procedimentos comportamentais também são apresentados dentro do domínio do con-

trole aversivo. Hineline (1984) considera que a supressão condicionada e a agressão induzida por estimulação devem ser incluídas no controle aversivo por envolverem eventos que têm função aversiva no reforçamento negativo e na punição. O mesmo é válido para o procedimento de incontrolabilidade que produz desamparo aprendido. Perone (2003) apresenta as funções aversivas de procedimentos de reforçamento positivo, salientando que também neles são encontrados elementos do reforçamento negativo e da punição. Com isso, o autor inclui alguns procedimentos de reforçamento positivo sob o domínio do controle aversivo.

Sidman (1995/2003), ao tratar de reforçamento negativo e punição, utiliza a nomenclatura *coerção*, enquanto Millenson (1965/1976) e Cameschi e Abreu-Rodrigues (2005) utilizam *contingências aversivas*, sendo que os últimos acrescentam supressão condicionada a esse domínio. Sidman (1995/2003) também trata de supressão condicionada, embora não a inclua em sua definição de punição.

Parece consenso que reforçamento negativo e punição fazem parte do domínio do controle aversivo; o que não parece ser claro, porém, é o que mais faz parte.

Após a apresentação de algumas definições (que não esgotam toda diversidade delas), verificam-se certas convergências e divergências entre elas. A definição que mais se distingue das outras é a apresentada por Matos (1981). Com relação às demais, parece consenso que reforçamento negativo e punição fazem parte do domínio do controle aversivo; o que não parece ser claro, porém, é o que mais faz parte. Ao mesmo tempo, temos diferentes nomenclaturas para o que aparenta ser a mesma área.

Se as definições de controle aversivo apresentam divergências, a situação não é diferente

1 Este texto apresenta alguns dados preliminares da dissertação de mestrado da primeira autora. As autoras agradecem a Bruno Costa, Denigés R. Neto e Natália Matheus, do Grupo de Estudos em Controle Aversivo da PUC-SP, pela revisão cuidadosa do texto.

2 A palavra *domínio* foi usada propositalmente, em alusão a Hineline (1984), cujo artigo discute o controle aversivo como um domínio separado dentro da análise do comportamento, seja pela distinção entre reforçamento e punição, seja pela distinção entre reforçamento positivo negativo.

acerca dos resultados produzidos por pesquisas sobre reforçamento negativo e punição (processos e/ou procedimentos que classicamente compõem a área) e da interpretação desses resultados. Exemplos de divergências sobre o reforçamento negativo (dividido tradicionalmente em fuga e esquiva) são: (a) explicação da aquisição e manutenção da resposta de esquiva em procedimentos de esquiva não sinalizada (Anger, 1963; Disnmoor, 1977, 2001; Sidman, 1953, 1962), (b) funções exercidas pelo estímulo pré-aversivo nos procedimentos de esquiva sinalizada e (c) distinção entre fuga e esquiva. Quanto à punição, identificamos pelos menos duas definições principais: a de Skinner (1938, 1953/2007) e a de Azrin e Holz (1966), que dão origem a delineamentos experimentais e a interpretações de dados distintas.

Quando um domínio dentro de uma ciência apresenta tais divergências e discussões, pode ser interessante que “olhem para trás”, no sentido de buscarmos aquilo que já foi produzido sobre esse domínio, de forma a conhecermos mais sobre seu desenvolvimento e peculiaridades. Sob essa perspectiva, estudos históricos podem ajudar. Autores como Morris et al. (1995), Coleman (1995) e Andery, Micheletto e Sérgio (2000) ressaltam a importância de estudos históricos para a análise do comportamento.

Morris et al. (1995) apresentam alguns propósitos da historiografia dessa ciência, como: clarificar a disciplina científica, esclarecer mal-entendidos, desenvolver a filosofia da ciência do comportamento, integrar suas subdisciplinas, entre outros. Segundo os autores, tais propósitos, quando atingidos, permitem ao historiador compreender impasses centrais da disciplina, sejam eles controversos ou não, e ir além, isto é, propor possíveis saídas a esses impasses. Verifica-se que esses propósitos servem diretamente à compreensão do controle aversivo.

Estudos históricos não são algo recente na análise do comportamento. Andery et al. (2000) apontam uma série de estudos históricos, nacionais e internacionais, realizados por analistas do comportamento sobre os mais diversos temas dentro da disciplina. Incluem entre eles a primeira publicação de Skinner, em 1931, intitulada “O conceito de reflexo na descrição do comportamento”. De acordo com as autoras, este pode ser considerado o trabalho iniciador da análise do comportamento, fruto de uma análise histórica.

Algumas dissertações recentes (entre 2002 e 2010) podem também ser classificadas como trabalhos históricos, cujo foco foi o estudo da análise do comportamento (desenvolvimento da disciplina ou áreas específicas da mesma) no Brasil. Esses trabalhos se debruçaram sobre os mais variados temas, entre eles controle de estímulos, comportamento matemático, comportamento verbal, desenvolvimento regional da análise do comportamento e clínica (Cesar, 2002; Del Rey, 2009; Fidalgo, 2011; Moreira, 2011; Niero, 2011; Souza, 2011).

Sobre controle aversivo, identificou-se um trabalho realizado por Sérgio e Micheletto (2010) cujo objetivo foi analisar as contribuições da professora Maria Amelia Matos para o estudo do controle aversivo no Brasil. Outros estudos a respeito do controle aversivo que apresentam *características históricas*³ também foram encontrados, mas não são brasileiros (Disnmoor, 1977; Lerman & Vondran, 2002; Matson & Taras, 1989).

Nenhum estudo que apresentasse um panorama geral sobre o estudo do controle aversivo no Brasil foi encontrado. Dessa forma, objetivou-se realizar um trabalho que fornecesse tal panorama. Para isso, foram escolhidos como documentos a serem analisados teses e dissertações sobre controle aversivo realizadas no Brasil, entre 1968 (ano em que as primeiras dissertações em análise do comportamento foram defendidas) e 2010. Foram selecionadas algumas palavras de busca das teses e dissertações com base nas leituras sobre controle aversivo e nos textos históricos e de revisão encontrados sobre o tema: *controle aversivo, reforçamento negativo, fuga, esquiva, punição, estímulo aversivo, aversão, supressão condicionada, coerção, desamparo aprendido, incontrollabilidade, agressão, time-out, choque, contracontrole, chronic mild stress e operações estabelecidas reflexivas*. (Nota-se que a quantidade e a variedade de palavras refletem a diversidade de fenômenos englobados.)

As teses e dissertações foram buscadas no Banco de Teses e Dissertações em Análise do Comportamento (BDTAC/Br), que contém teses e dissertações entre 1968 e 2007. Este banco foi

3 Este termo foi utilizado porque os estudos não podem ser classificados como estudos históricos, uma vez que eles são estudos de revisão de literatura. De acordo com Coleman (1995), tais estudos, embora não sejam históricos, apresentam de forma indireta uma perspectiva histórica sobre o tema.

construído por professores e alunos da PUC-SP. Para completar a busca até 2010, foram utilizadas bibliotecas digitais de teses e dissertações das universidades brasileiras que compuseram o BDTAC/Br, banco de teses e dissertações da CAPES e Currículos Lattes.

Foram coletadas e organizadas, com base nos resumos, as seguintes informações: (a) *autor*: nome completo do autor da dissertação ou tese; (b) *título*: título completo da dissertação ou tese; (c) *instituição*: nome completo da instituição referida na dissertação ou tese; (d) *ano*: ano apresentado na dissertação ou tese; (e) *orientador*: nome completo do orientador referido na dissertação ou tese; (f) *coorientador*: nome completo do coorientador referido na dissertação ou tese (quando foi o caso); (g) *tipo de trabalho*: dissertação (i.e., trabalho realizado para obtenção do título de mestre) ou tese (i.e., trabalho realizado para obtenção do título de doutor); (h) *tipo de pesquisa*: básica, aplicada e histórico-conceitual⁴; (i) *tipos de sujeitos ou participantes utilizados*: humanos (crianças, adultos ou universitários; com desenvolvimento típico ou atípico) e não humanos (espécie); (j) *evento aversivo utilizado*.

Foram encontradas 98 teses e dissertações (77 dissertações e 21 teses) entre 1969⁵ e 2010. Observou-se que entre 1969 e 1999 (período de 30 anos) foram produzidos 45 trabalhos em controle aversivo; entre 2000 e 2010 (período de 10 anos), foram produzidos 53 trabalhos. Isso mostra que recentemente a produção na área parece ter ganhado alguma força. Algumas possibilidades para o aumento na produção são levantadas, como, por exemplo, a criação de novos programas de pós-graduação em análise do comportamento.

Embora se observe aumento na produção de teses e dissertações sobre controle aversivo, o número de trabalhos sobre o tema, comparado ao número total de teses e dissertações na análise do comportamento (dados obtidos pelo BDTAC/Br), corresponde a menos de 10%.

4 Cada tipo de pesquisa foi, por sua vez, dividido em categorias temáticas. As pesquisas básicas foram enquadradas em categorias temáticas como fuga, esquiva e punição; as pesquisas aplicadas, em categorias como educação, saúde e trabalho; as pesquisas histórico-conceituais, em categorias como análise da concepção de um ou mais autores sobre controle aversivo e análise histórica de um conceito relativo a controle aversivo.

5 A busca foi feita a partir de 1968, mas o primeiro trabalho encontrado datou de 1969.

Autores como Todorov (2001), Perone (2002), Lerman e Vondran (2002), Cameschi e Abreu-Rodrigues (2005) e Hunziker (2003) sugerem que o estudo do controle aversivo tem sido negligenciado dentro da análise do comportamento. Os dados deste estudo mostram que controle aversivo não é a área de estudo mais proeminente no Brasil, mas a produção crescente é animadora para os interessados na área.

As universidades brasileiras em que mais trabalhos sobre controle aversivo foram realizados foram: USP (52), PUC-SP (13), UnB (12), UFPA (cinco), USP-RP (cinco) e UEL (quatro). Os principais⁶ orientadores na área também estão vinculados a essas universidades. São eles: Maria Helena Leite Hunziker, Maria Amelia Matos, Carolina Bori, João Cláudio Todorov, Josele Abreu Rodrigues, Roberto Alves Banaco, Maria Teresa Araújo Silva, Tereza Maria Pires Sério, Maura Alves Nunes Gongora, Marcus Bentes de Carvalho Neto e Maria Lúcia Dantas Ferrara.

Com relação ao tipo de pesquisa, foram encontrados 87 trabalhos do tipo básico, seis do tipo histórico-conceitual e cinco trabalhos aplicados. Verifica-se, então, predominância de trabalhos do tipo básico. As categorias temáticas mais frequentes⁷ nos trabalhos básicos foram: incontrolabilidade/desamparo aprendido, esquiva, punição, supressão condicionada e *chronic mild stress*, sendo que a maior parte das teses e dissertações básicas realizadas foi sobre incontrolabilidade/desamparo aprendido. Dos trabalhos aplicados, dois foram enquadrados na categoria *educação*, enquanto os demais foram enquadrados nas categorias *institucional* (um), *clínica* (um) e *saúde* (um). Por último, os trabalhos do tipo histórico-conceitual foram enquadrados nas seguintes categorias: revisão de literatura (um), análise da concepção de um autor sobre controle aversivo (um), análise histórica de um conceito do controle aversivo (um), análise da aplicação e recomendabilidade de procedimentos aversivos (um), análise do conceito de incontrolabilidade/desamparo aprendido (um) e análise dos efeitos do controle aversivo sobre classes de respostas (um).

6 Foram considerados como principais orientadores aqueles com pelo menos três trabalhos orientados na área.

7 Foram consideradas como categorias temáticas mais frequentes aquelas que incluíram pelo menos sete trabalhos.

O tipo de sujeito ou participante mais utilizado nos trabalhos básicos foi o rato (61 trabalhos), sendo a maioria da espécie *rattus norvegicus*. O segundo tipo de sujeito ou participante mais utilizado foram estudantes universitários (10 trabalhos). O estímulo aversivo mais utilizado foi choque, com destaque para intensidade de 1 mA. Outro dado a ser mencionado é que nenhum estímulo aversivo utilizado com não humanos foi utilizado com humanos; com os últimos, os estímulos aversivos mais utilizados foram som e perda de pontos. Nos trabalhos aplicados, foram utilizados participantes variados: adultos, crianças atípicas (um trabalho) e típicas.

Tendo apresentado esse breve panorama sobre o estudo do controle aversivo no Brasil, algumas considerações podem ser feitas.

Reforçamento negativo e punição são tidos como processos e/ou procedimentos clássicos do controle aversivo. Contudo, pelos menos no Brasil, eles não são os mais estudados, mas sim incontrolabilidade e desamparo aprendido.

Verificou-se que reforçamento negativo e punição são tidos como processos e/ou procedimentos clássicos do controle aversivo (encontrados na maioria das definições apresentadas); contudo, pelos menos no Brasil, eles não são os mais estudados, mas sim incontrolabilidade e desamparo aprendido. Outros dados encontrados são que os estudos básicos sobre esquiva cessaram ao final da década de 1980, ao passo que os estudos sobre punição são poucos, ocorrem esporadicamente e em universidades diferentes. Com relação à punição, esse quadro parece estar se modificando, com algumas defesas mais próximas no tempo, entre 2009 e 2010, de trabalhos realizados na UFPA, indicando a formação de uma linha de pesquisa na área.

A disparidade entre estudos básicos, aplicados e histórico-conceituais mostra a concentração de pesquisas de um tipo. Observa-se, também, a utilização predominante de um tipo de sujeito e de um tipo de estímulo aversivo. Uma pergunta que se coloca, com base nesses dados, é acerca da generalidade dos dados produzidos, embora se observe que mais recentemente outros estímulos (e.g., jato de ar quente) têm sido testados.

Espera-se que esse breve panorama tenha fornecido a um leitor não familiarizado com a área de controle aversivo informações suficientes para um maior conhecimento sobre esse campo, criando condições para que mais pessoas se interessem e pesquisem sobre ele. Para o leitor já familiarizado com a área, espera-se que essas informações contribuam para novas reflexões, pois essa é uma das funções da pesquisa histórica, a de trazer um novo olhar sobre aquilo já conhecido. Nas palavras de Micheletto (2004):

A análise histórica é um convite a olhar novamente, a desconfiar das seguranças, das certezas de nosso conhecimento que, muitas vezes, nos fazem ver ou ler apenas aquilo que já sabemos, que ofuscam a observação da variedade de informações, análises, diálogos constitutivos do objeto que nos aparece. (p. 12)

Esse novo olhar, essa nova compreensão daquilo que já nos foi dado pode ser importante para pensarmos em caminhos alternativos, ou seja, para pensarmos sobre o futuro da área.

Referências

- Anderly, M. A. P. A., Micheletto, N. & Sério, T. M. A. P. (2000). Pesquisa histórica em análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 8, 137-142.
- Anger, D. (1963). The role of temporal discriminations in reinforcement of Sidman avoidance behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 6, 477-506.
- Azrin, N. H. & Holz, W. C. (1966). Punishment. Em W. K. Honig (Org.), *Operant behavior: Areas of research and application* (pp. 380-447). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Cameschi, C. E. & Abreu-Rodrigues, J. (2005). Contingências aversivas e comportamento emocional. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 113-135). Porto Alegre: Artmed.
- Catania, C. A. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (4ª ed.; D. G. Souza et al., Trans.). Porto Alegre: Artmed.
- Cesar, G. (2002). *Análise do comportamento no Brasil: Uma revisão histórica de 1961 a 2001, a partir de publicações* (Dissertação de mes-

- trado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Coleman, S. R. (1995). The varied usefulness of history, with specific reference to behavior analysis. Em E. K. Morris & J. T. Todd (Orgs.), *Modern perspectives on B. F. Skinner and contemporary behaviorism* (pp. 129-147). London: Greenword Press.
- Del Rey, D. (2009). *Análise do comportamento no Brasil: O que foi pesquisado até 2005 com relação aos comportamentos matemáticos* (Dissertação de mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Dinsmoor, J. A. (1977). Escape, avoidance and punishment: Where do we stand? *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 28, 83-95.
- Dinsmoor, J. A. (2001). Stimuli inevitably generated by behavior that avoids electric shock are inherently reinforcing. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 75, 311-333.
- Fidalgo, A. P. (2011). *O estudo do comportamento verbal no Brasil: Uma análise com base no resumo de dissertações e teses* (Dissertação de mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Gongora, M. A. N., Mayer, P. C. M. & Mota, C. M. S. (2009). Construção terminológica e conceitual do controle aversivo: Período Thorndike-Skinner e algumas divergências remanescentes. *Temas em Psicologia*, 17, 209-224.
- Hineline, P. N. (1984). Aversive control: A separate domain? *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 42, 495-509.
- Lerman, D. C. & Vondran, C. M. (2002). On the status of knowledge for using punishment: Implications for treating behavior disorders. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 35, 431-434.
- Matos, M. A. (1981). A ética do exercício de controles aversivos. *Boletim de Psicologia*, 33, 125-133.
- Matson, J. L. & Taras, M. E. (1989). A 20 year review of punishment and alternative methods to treat problem behaviors in developmentally delayed persons. *Research in Developmental Disabilities*, 10, 85-104.
- Micheletto, N. (2004). Notas sobre uma análise histórica do behaviorismo radical. Em C. E. Costa, J. C. Luzia & H. H. N. Sant'ana. (Orgs.), *Primeiros passos em análise do comportamento e cognição* (pp. 11-20). Santo André: ESETec.
- Millenson, J. R. (1976). *Princípios de análise do comportamento* (A. A. Souza & D. Rezende, Trans.). Brasília: Coordenada. (Trabalho originalmente publicado em 1965)
- Moreira, J. B. (2011). *Para uma história da análise do comportamento no Maranhão* (Dissertação de mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Morris, E. K., Todd, T. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M. & Johnson, L. M. (1995). Some historiography of behavior analysis and some behavior analysis of historiography. Em E. K. Morris, & J. T. Todd (Orgs.), *Modern perspectives on B. F. Skinner and contemporary behaviorism*. (pp. 195-215). London: Greenword Press.
- Niero, C. B. (2011). *Análise do comportamento na área clínica no Brasil: Uma análise com base em publicações* (Dissertação de mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Perone, M. (2003). Negative effects of positive reinforcement. *The Behavior Analyst*, 1, 1-14.
- Pierce, W. D., & Cheney, C. D. (2004). *Behavior analysis and learning* (3ª. ed.). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sério, T. M. A. P. & Micheletto, N. (2010). Maria Amélia Matos e o estudo do controle aversivo: Uma contribuição exemplar. *Psicologia USP*, 21, 241-251.
- Sidman, M. (1953). Two temporal parameters of maintenance of avoidance behavior of white rat. *Journal of Comparative Physiological Psychology*, 46, 253-261.
- Sidman, M. (1962). Reduction of shock fre-

- quency as reinforcement for avoidance behavior. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 5, 247-257.
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sério, Trans.). Campinas: Editorial Psy. (Trabalho originalmente publicado em 1989)
- Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms: An experimental analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (2007). *Ciência e comportamento humano* (11ª. ed.; J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Souza, F. M. S. (2011). *Por uma história da análise do comportamento no Mato Grosso do Sul* (Dissertação de mestrado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Todorov, J. C. (2001). Quem tem medo de punição? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3, 37-40.



Ao ser convidada para escrever um texto a partir da pergunta acima, duas questões me pareceram importantes de ser respondidas: (a) a que *nós* a pergunta se refere e (b) por que alguém faria essa pergunta? A primeira questão parece ter uma resposta mais clara: *nós* parece se referir aos behavioristas radicais. Já a segunda, supondo que tenha sido feita por um behaviorista radical, talvez seja produto de uma comparação entre os pressupostos do behaviorismo radical e do behaviorismo metodológico e de uma possível identificação de semelhanças entre esses.

O presente artigo pretende, então, retomar tais pressupostos¹, de forma que não só a motivação para a pergunta inicial fique mais clara, como também uma resposta a ela seja dada.

Behaviorismo Metodológico

As propostas apresentadas por Watson, em 1913, marcam o início do behaviorismo, que surge em contraposição ao mentalismo e ao introspeccionismo no que diz respeito ao objeto de estudo e ao método de investigação da psicologia. Em termos gerais, de acordo com Matos (1995), o behaviorismo sugere que a psicologia assuma o comportamento como objeto de estudo, oponha-se ao mentalismo, use procedimentos objetivos de coleta de dados e rejeite a introspecção.

Por influência do positivismo lógico e do operacionismo, a observação, então, aparece como critério fundamental para definir o comportamento a ser estudado pelos behavioristas: aquele passível de observação externa, isto é, que possa ser visto, contado e medido pelo outro. Em decorrência disso, a ênfase dada aos pro-

cedimentos de investigação fez com que esse behaviorismo fosse posteriormente chamado de *metodológico*.

Limitar o estudo aos eventos externamente observáveis foi uma forma de tornar desnecessário o introspeccionismo e, por conseguinte, o relato do sujeito como fonte de dados, visto que essa seria a única forma de ter alguma informação sobre eventos internos. Mas, desconsiderar os eventos não observáveis como objeto de estudo ou como causa do comportamento é decorrente da impossibilidade de acordo público sobre sua validade, e não da negação de sua existência (Skinner, 1974).

Para os behavioristas metodológicos, os eventos internos existem e são de natureza diferente dos eventos observáveis (Sério, 2005). E, por não serem eventos físicos e/ou importantes para a compreensão do comportamento, poderiam ser retirados do escopo da psicologia. Considerar a existência de eventos físicos e mentais como fenômenos de natureza distinta caracteriza, portanto, o behaviorismo metodológico como dualista.

De qualquer forma, caberia questionar: se os eventos internos eram até então tidos como as causas do comportamento pela psicologia e, mais do que isso, constituíam primordialmente o objeto de estudo dessa, o que seria a “causa” do comportamento observável para alguém que os desconsidera?

Matos (1995) afirma que, em decorrência de um modelo mecanicista de causalidade vigente na época (e até os dias de hoje), as causas dos fenômenos costumavam ser buscadas antes desses. Como as causas do comportamento, para o behaviorista metodológico, não poderiam ser a mente ou a “alma”, propôs-se que seriam, en-

1 O presente artigo não pretende esgotar ou aprofundar essa comparação. Isso já foi feito em um conjunto de publicações (Day, 1983; Leigland, 1997; Matos, 1995; Moore, 1981; Sério, 2005; Skinner, 1974). A comparação aqui visa estritamente a responder à questão proposta.

Considerar a existência de eventos físicos e mentais como fenômenos de natureza distinta caracteriza, portanto, o behaviorismo metodológico como dualista.

tão, os estímulos ambientais antecedentes a ele, por influência de Pavlov. Assim, uma mudança no mundo físico causaria uma mudança no organismo, o que caracteriza a Psicologia S-R.

Day (1983), sobre o behaviorismo metodológico, sintetiza suas características da seguinte forma: (a) restringe-se o objeto de estudo da psicologia aos dados publicamente observáveis, (b) adota-se o método experimental, (c) usa-se a estatística na avaliação dos resultados, (d) adere-se a um modelo de causalidade antecedente e mecanicista e (e) formula-se teorias explicativas dos dados obtidos por meio de instâncias mediadoras inferidas.

A psicologia, tal como o behaviorista a vê, é um ramo puramente objetivo e experimental da ciência. A sua finalidade teórica é a previsão e controle do comportamento. A introspecção não constitui parte essencial de seus métodos e o valor científico de seus dados não depende do fato de se prestarem a uma fácil interpretação em termos de consciência . . . a psicologia terá que descartar qualquer referência à consciência. (Watson, 1913, pp. 158, 163)

Essa afirmação parece deixar clara a proposta do behaviorismo metodológico: foca-se no comportamento observável e considera-se que os eventos subjetivos não sejam capazes de ser investigados cientificamente, pois não são publicamente observáveis. Segundo Matos (1995), o behaviorista metodológico limita seu objeto de estudo para não mudar sua insistência num critério social de verdade.

Após essa breve retomada dos pressupostos filosóficos e metodológicos do behaviorismo metodológico, voltamos à questão inicial do presente artigo: Afinal, somos behavioristas metodológicos? É possível que essa pergunta tenha sido feita com base no fato de que os behavioristas radicais compartilham algumas características com aqueles. Assim, como o artigo se propõe a debater essa questão, a seguir serão discutidas algumas características do behaviorismo radical².

4 O presente artigo não pretende esgotar a caracterização do behaviorismo radical. Para isso, sugere-se a leitura de *About Behaviorism*, de B. F. Skinner (1974).

Behaviorismo Radical

Skinner, considerado o principal autor do behaviorismo radical, apresenta essa proposta inicialmente em um artigo de 1945 ("The Operational Analysis of Psychological Terms"), com o objetivo de contrapor-se às propostas para a psicologia então em vigor, principalmente no que diz respeito ao objeto e ao método.

Da mesma forma que o critério de verdade parece ter limitado a definição de objeto de estudo para os behavioristas metodológicos, a definição do objeto de estudo parece ter obrigado o behaviorista radical a incluir todo e qualquer comportamento dentro do escopo da psicologia.

Skinner (1974) afirma que "o behaviorismo não é a ciência do comportamento humano; ele é a filosofia dessa ciência" (p. 3), que deveria preocupar-se com o objeto e os métodos da psicologia. Afirma também que a psicologia é uma ciência do comportamento dos organismos. Ou seja, para o behaviorista radical, da mesma forma que para o metodológico, o objeto de estudo da psicologia é o comportamento em si. Mas, diferentemente desses, Skinner não desconsidera os eventos privados, ou seja, aqueles não observáveis publicamente. De acordo com Sérgio (2005),

nenhum fenômeno humano é retirado do âmbito de estudo da psicologia, ou seja, cabe à psicologia estudar os fenômenos humanos em sua totalidade e complexidade e, para isso, não é necessário supor a existência de uma dimensão especial do mundo diferente da dimensão material. (Sérgio, 2005, p. 5)

O trecho acima parece indicar que, apesar de não serem excluídos pelo behaviorismo radical, os eventos privados são considerados por Skinner de forma diferente daquela proposta pelos mentalistas (e pelos behavioristas metodológicos): não existem duas dimensões, duas naturezas no homem, uma física e outra mental (ou metafísica). Todo evento é físico, seja ele público ou privado. A diferença entre esses eventos está na acessibilidade. Parece que, por não serem

observados, são desconsiderados pelo behaviorismo metodológico e, por serem comportamentos, são considerados pelo behaviorismo radical.

Da mesma forma que o critério social de verdade parece ter limitado a definição de objeto de estudo para os behavioristas metodológicos, a definição do objeto de estudo parece ter obrigado o behaviorista radical a incluir todo e qualquer comportamento dentro do escopo da psicologia.

Conforme afirma Skinner (1963/1969), "o fato da privacidade não pode, é claro, ser questionado. Cada pessoa está em contato especial com uma pequena parte do universo contida dentro de sua própria pele" (p. 225). Nesse trecho, Skinner parece deixar claro que (a) se o objeto de estudo da psicologia é o comportamento e (b) se a privacidade - enquanto contato especial que alguém tem com o universo dentro de sua pele - é comportamento, não há por que desconsiderá-la.

Nesse trecho, ainda, nota-se uma característica importante do behaviorismo radical: há uma parte do comportamento humano que nunca poderá ser observada por outra pessoa que não aquela que se comporta. Mesmo que a tecnologia avance e seja possível medir alguns eventos privados com instrumentos científicos, isso nunca será o mesmo que o contato que o homem tem com seus próprios eventos privados.

O critério social de verdade é questionado pelos behavioristas radicais mesmo no que diz respeito a eventos públicos. Matos (1995) dá o seguinte exemplo: um behaviorista metodológico aceitaria o registro de salivação de um cão como evidência da salivação, a qual poderia ser observada por mais de um observador. No entanto, o registro só ocorreu porque alguém viu o cão salivar. O "ver" não é observado. A pessoa "observando" nunca é observado. O que ela observa o é. Se ela afirmar que observa o mesmo que outras pessoas, então essa observação é válida para um behaviorista metodológico.

Para um behaviorista radical, a resposta de *observar* é aprendida. E uma pessoa aprende a observar tanto eventos públicos quanto privados. Por que, então, desconsiderar esse último tipo de observação? Aqui parece ficar clara uma diferença entre behavioristas metodológicos e radicais: para os últimos, o homem é a medida das coisas, e não o social. Para um behaviorista metodológico, a evidência de que uma pessoa vê algo é que outra pessoa vê esse mesmo algo. Para um behaviorista radical, a evidência de que alguém

vê algo é o comportamento dela. Quanto à privacidade, ela nada mais é do que a observação do próprio corpo, e não da mente (Matos, 1995).

Assim, conforme afirma Sérió (2005), para o behaviorismo radical, os pesquisadores do comportamento deveriam, da mesma forma que estudam comportamentos humanos observáveis por mais de um observador, fazê-lo a respeito do contato que cada pessoa tem com os eventos contidos dentro da pele - a partir do comportamento. Isso significa dizer que os eventos privados são parte dos fenômenos que deveriam ser explicados pela psicologia.

Aqui, parece importante destacar como behavioristas radicais estudam o comportamento: com base nos pressupostos da análise do comportamento, a ciência que descreve as leis gerais do comportamento.

Behaviorismo Radical e Análise do Comportamento

Para os analistas do comportamento, o comportamento é definido como a relação entre respostas (aquilo que o organismo faz) e estímulos (aspectos do ambiente, externos à resposta, que a afetam). Essas relações podem ser de dois tipos: (a) *comportamento respondente*, no qual um estímulo antecedente elicia uma resposta e (b) *comportamento operante*, no qual se deve considerar, além da resposta, (1) as mudanças no ambiente, decorrentes da emissão da resposta, que modificam a probabilidade de ocorrência de respostas da mesma classe e (2) os contextos que estabelecem a ocasião para a resposta ser afetada por suas consequências (que são antecedentes à resposta e também afetariam a probabilidade dessa).

Essa relação de interdependência entre estímulos antecedentes, resposta e estímulos consequentes é denominada *tríplice contingência* e é o que permite a análise funcional, cerne da análise do comportamento. Diz-se haver uma relação funcional entre eventos na medida em que se observa mudanças em uma resposta em decorrência de uma mudança no ambiente. Mais do que isso, uma mudança no ambiente só produzirá uma mudança na resposta em função de uma história filogenética, ontogenética e cultural. Assim, olhar para o comportamento como interação entre organismo e ambiente significa assumir que "o comportamento atual é uma interação e é ao mesmo tempo produto de interações anteriores" (Sérió, 2005, p. 256).

Essa é a definição de comportamento baseada no modelo de seleção por consequências. O comportamento, para o behaviorista radical, é produto de variação e seleção em três níveis: filogenético, ontogenético e cultural. Não é objetivo do presente artigo apresentar cuidadosamente esse modelo de causalidade³, mas é importante destacá-lo como central para o behaviorismo radical, pois nota-se aqui também uma diferença entre o behaviorismo metodológico e o radical. Enquanto o primeiro define comportamento como uma relação entre estí-

Os behavioristas metodológicos definem comportamento como uma relação S-R, num modelo de causalidade mecanicista e defendem o delineamento de grupo e a observação por consenso como critério de validade científica.

mulo antecedente e resposta (S-R) e recorre ao ambiente antecedente por este ser considerado um elo observável e mensurável em um modelo mecanicista de causalidade, o segundo não só amplia a definição de comportamento, como também considera o comportamento operante como aquele de maior interesse ao cientista do comportamento. Além disso, o ambiente, para os behavioristas radicais, não se resume àquele presente durante a ocorrência de uma resposta.

Como estudar, então, eventos não observáveis por mais de um observador?

Não é só na psicologia que parece haver a possibilidade de considerar como objeto de estudo um fenômeno não observável e estudá-lo a partir de métodos científicos. Na física, por exemplo, estuda-se a força da gravidade⁴. Essa força não é observada; é inferida a partir do movimento dos corpos. Possivelmente, muitos experimentos científicos já foram feitos sobre esse tema - inclusive diferentes físicos a explicam de formas diferentes (e.g., Newton e

Einstein). A discussão sobre esse tema é ampla, mas aqui é colocada com um único propósito: é possível estudar fenômenos não observáveis e considerá-los como sendo da mesma natureza daqueles observáveis dentro de uma ciência natural. E, vale ressaltar, a interpretação dos fenômenos é uma prática comum em outras ciências.

Não é porque o objeto de estudo da psicologia é mais próximo do cientista do comportamento (que se comporta) do que o é o objeto de estudo de um físico que o primeiro necessita de uma forma especial de investigação. Conforme discutido anteriormente, o analista do comportamento estuda o contato que cada pessoa tem com o mundo dentro da pele a partir do seu comportamento, isto é, a partir de respostas verbais.

Sério (2005) afirma que analisar o comportamento verbal em toda a sua extensão possibilita investigar as relações que permitem o contato de uma pessoa com seu universo privado. Deve-se identificar as condições em que uma pessoa emite uma resposta verbal, bem como a história que ela viveu e que permitiu que tais condições se relacionassem com aquela resposta. Dessa forma, investiga-se como as pessoas passam a falar de si mesmas e como podem falar de aspectos aos quais apenas elas têm acesso.

É cada vez mais ampla a literatura acerca do comportamento verbal. Um conjunto de estudos vem sendo feito na direção de identificar variáveis responsáveis pela aprendizagem de respostas verbais sob controle de eventos privados. Não é objetivo do presente artigo discutir essa literatura, mas por que ela existiria se não considerássemos papel do psicólogo compreender a privacidade? Assumir que a privacidade (i.e., o contato que cada pessoa tem com seu mundo privado) é comportamento operante aprendido a partir de contingências sociais foi o passo inicial para as investigações na área. Behavioristas radicais lidam com esse objeto de estudo de forma científica, a partir de relações verbais e sem exigir consenso de mais de um observador acerca dos eventos que estão sendo investigados.

Os behavioristas radicais consideram que o comportamento é uma relação entre homem e ambiente num modelo de causalidade selecionista e defendem o delineamento de sujeito único como metodologia de investigação.

3 Para isso, ver Skinner (1981).

4 De forma alguma, pretende-se discutir aqui as leis da física. Essa é uma discussão bastante ampla. Esse é só um exemplo ilustrativo da possibilidade de considerar um objeto de estudo não observável em um ciência natural.

Voltemos, uma vez mais, à pergunta que motivou esse artigo: Afinal, somos behavioristas metodológicos? Após breve retomada dos pressupostos dos behaviorismos metodológico e radical, observa-se que os behavioristas radicais de fato compartilham algumas características com os behavioristas metodológicos, principalmente no que diz respeito a tomar o comportamento como objeto de estudo e a defender uma metodologia baseada nas ciências naturais para estudá-lo.

No entanto, os behavioristas metodológicos são dualistas e não consideram que os eventos privados sejam objeto da psicologia (porque não são observáveis, não são comportamento; têm outra natureza, que não a física). Esses eventos só poderiam ser estudados se tornados públicos por instrumentos científicos. Ainda, definem comportamento como uma relação S-R, num modelo de causalidade mecanicista e defendem o delineamento de grupo e a observação por consenso como critério de validade científica.

Enfim, parece que compartilhar apenas algumas características não deveria ser o suficiente para classificar alguém como behaviorista metodológico ou qualquer outra coisa. Na verdade, não é só com esses que os behavioristas radicais compartilham características e, se tal indagação “virar moda”, em breve veremos artigos discutindo por que não somos muitas outras coisas com as quais compartilhamos características.

Referências

- Day, W. (1983). On the difference between radical and methodological behaviorism. *Behaviorism*, 11, 89-102.
- Leigland, S. (1997). Systems and theories in behavior analytic science: An overview of alternatives. Em L. J. Hayes & P. M. Ghezzi (Orgs.), *Investigations in behavioral epistemology* (pp. 11-31). Reno: Context Press.
- Matos, M. A. (1995). Behaviorismo metodológico e behaviorismo radical. Em B. Range (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva: Pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas: Editorial Psy.
- Moore, J. (1981). On mentalism, methodological behaviorism and radical behaviorism. *Behaviorism*, 9, 55-77.
- Sério, T. M. A. P. (2005). O behaviorismo radical e a psicologia como ciência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7, 247-262.

- Skinner, B. F. (1969). Behaviorism at fifty. Em B. F. Skinner (Org.), *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis* (pp. 221-268). New York: Appleton-Century-Crofts. (Trabalho original publicado em 1963)
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177.



Somos todos behavioristas metodológicos¹

Marcus Bentes de Carvalho Neto

Os analistas do comportamento estão familiarizados com uma divisão clássica e categórica entre dois tipos de behaviorismo: o (meramente) *metodológico* e o *radical* (Skinner, 1974/1976). Um dos pontos principais nessa divisão estaria no tipo de dado aceito em um empreendimento científico do comportamento (para uma análise mais completa sobre os elementos constituintes do behaviorismo metodológico, ver Moore, 1981, p. 64; Moore, 2001, p. 239). O behaviorismo metodológico supostamente teria aderido a uma versão rígida e ingênua de operacionismo (presente no positivismo lógico e no realismo) e, por isso, lidaria exclusivamente com aquilo que fosse publicamente observável:

Observação, pois, tornou-se um termo e uma operação fundamentais para o behaviorismo watsoniano² [metodológico]: ela define a categoria 'comportamento', seu objeto de estudo. *Comportamento é o observável, mas o observável pelo outro, isto é, o externamente observável. Comportamento, para ser objeto de estudo do behaviorista, deve ocorrer afetando os sentidos do outro, deve poder ser contado e medido pelo outro* [ênfase adicionada]. (Matos, 1997, p.57)

O critério de cientificidade estaria ancorado na possibilidade de se chegar a uma verdade por consenso público (Matos, 1997; Skinner, 1945,

1974/1976; Tourinho, 1996). Nesse contexto, a construção e, principalmente, a validação do conhecimento seria inerentemente dialógica e social, ou seja, dependeria da interlocução dos membros de um grupo. Para isso, o objeto precisaria ser igualmente acessível a todos eles para verificação. Mas, ao assumir tal critério, o behaviorismo metodológico circunscreveria o universo de eventos cientificamente legítimos aos "objetivos" (i.e., observáveis publicamente) e excluiria toda gama de eventos, termos e conceitos relativos à esfera subjetiva ou privada. A maior parte dos processos psicológicos tradicionais ficaria, desse modo, para além de um tratamento científico, o que acabaria implicando a adoção de um dualismo (explícito ou implícito) entre eventos comportamentais (públicos e cientificamente válidos) e eventos mentais (privados e inacessíveis à ciência). Daí o fato de autores como Moore (1989) e Matos (1997), por exemplo, afirmarem que o behaviorismo metodológico seria também um tipo de mentalismo.

Nessa caracterização tradicional, o behaviorismo radical surge como uma alternativa ao behaviorismo metodológico, pois superaria o limite da *verdade por consenso* e poderia abordar, sem abrir mão da cientificidade, eventos tanto públicos quanto privados:

A distinção público-privado enfatiza a filosofia árida da "verdade por consenso". O público, na verdade, acaba sendo simplesmente aquilo sobre o que se pode concordar porque é comum a dois ou mais observadores. Isso não é uma parte essencial do operacionismo; ao contrário, operacionismo nos permite dispensar esta solução demais insatisfatória do problema da verdade. . . . *O critério último para a boa qualidade de um conceito não é se duas pessoas entram em acordo, mas se o cientista que usa o conceito pode operar com sucesso sobre seu material - sozinho, se precisar* [ênfase adi-

1 O presente ensaio é uma versão resumida do artigo Carvalho Neto, Souza, Strapasson e Dittrich (Em preparação). O trabalho foi apresentado em setembro de 2011, em Salvador, durante o XX Encontro Brasileiro de Psicologia e Medicina Comportamental e I Encontro Sul-Americano de Análise do Comportamento. Contatos pelo e-mail: marcusbentesufpa@gmail.com

2 A classificação de Watson como *behaviorista metodológico* é problemática. Ver a análise proposta por Strapasson e Carrara (2008).

cionada]. O que importa para o Robison Crusoe não é se ele está concordando consigo mesmo, mas se ele está chegando a algum lugar com seu controle sobre a natureza". (Skinner, 1945, p. 552)

Adotando uma postura alternativa de operacionismo, Skinner (1945) teria defendido um critério diferente de produção e validação do conhecimento científico, desvinculado da possibilidade de observação pública. A classificação de Skinner e da própria análise do comportamento como pragmatista é ampla (e.g., Abib, 2001a; Baum, 1999; Borba & Tourinho, 2009; Carrara, 1998; Delprato & Midgley, 1992; Lattal & Laipple, 2003; Lopes, 2007; Moxley, 2001; Tourinho, 1993, 1996; Tourinho & Neno, 2003), mas não necessa-

Parece vigorar uma interpretação de que o behaviorismo radical de Skinner teria não só abdicado do critério de observação pública, mas também demonstrado a fragilidade e a ineficiência de tal critério, tornando-o descartável, juntamente com o behaviorismo "meramente" metodológico.

riamente simples (Abib, 2001b; Leigland, 2004; Malone, 2004; Micheletto, 1997, 1999). O pensamento Skinneriano é rico em adoções simultâneas ou consecutivas de posições incompatíveis, o que acaba gerando uma grande dificuldade de classificá-lo teórica e filosoficamente (Abib, 2001b; Martin, 1978; Moxley, 1998). Contudo, mesmo reconhecendo a complexidade de suas propostas, parece vigorar contemporaneamente uma interpretação de que o behaviorismo radical de Skinner teria não só abdicado do critério de observação pública, mas teria também demonstrado a fragilidade e a ineficiência de tal critério, tornando-o descartável, juntamente com o behaviorismo "meramente" metodológico.

O objetivo deste ensaio é refletir sobre essa classificação maniqueísta entre um behaviorismo metodológico que teria a verdade por consenso público como critério de verdade e um behaviorismo radical que teria abandonado esse critério, adotando uma perspectiva prag-

mática, na qual um conhecimento privado poderia ser base para uma ciência do comportamento, desde que gerasse previsão e controle.

Dois Modos de Produção de Conhecimento em Análise do Comportamento (AC): Análise Experimental (AEC) e Interpretação do Comportamento

Donahoe (1993) retoma algumas obras de Skinner para sugerir que uma ciência do comportamento teria dois modos de produzir e validar conhecimento:

Para Skinner, ciência consiste em dois empreendimentos inter-relacionados. O primeiro é a análise experimental do objeto de estudo da ciência. Para que sejam completamente atingidas as exigências da análise experimental, todos antecedentes eficazes do evento em estudo devem ser independentemente manipulados ou controlados (ou, tais condições precisam ser aproximadas, como na mecânica celeste) e *os eventos em si devem ser diretamente observados e mensurados* [ênfase adicionada]. O segundo aspecto do empreendimento científico é a interpretação. Na interpretação, princípios induzidos da análise experimental e circunscritos por considerações formais (i.e., lógica/matemática) são utilizados para fornecer uma perspectiva dos eventos que ocorrem sob condições que fogem à análise experimental. (p. 453)

O método experimental, instrumento básico adotado no âmbito da AEC, exigiria a observação pública para que fosse possível a replicação dos resultados (Dinsmoor, 2003; Sidman, 1976; Skinner, 1938, 1966), colocando sob controle social a construção do conhecimento científico. A partir desse método e desses pressupostos filosóficos, edificaram-se, ainda nos anos 1930

Aparentemente, pelo menos no âmbito da AEC, o critério de verdade por consenso público, um dos pilares do behaviorismo metodológico, foi mantido intacto, a despeito da crítica de Skinner ao seu uso.

(especialmente em Skinner, 1938), os princípios básicos da área, como os comportamentos respondente e operante, o reforçamento, a extinção, a discriminação, entre outros.

O critério de observação pública esteve e está em vigor nas principais revistas empíricas da área, como o JEAB e o JABA, por exemplo. Aparentemente, então, pelo menos no âmbito da AEC, o critério de verdade por consenso público, um dos pilares do behaviorismo metodológico, foi mantido intacto, a despeito da crítica de Skinner ao seu uso (1945, 1974/1976). Mas, haveria aqui realmente uma fragilidade? A observação pública parece ser indispensável ao empreendimento científico em uma ciência natural, pois permite o teste externo, o controle público, essencial à autocorreção das descrições realizadas (Borkowski & Anderson, 1981; Dawkins, 2000; Dennett, 1997; Marx, 1975; Popper, 1989; Russell, 1969; Sagan, 1996; Skinner, 1953/1965; Sokal & Bricmont, 1999).

Contudo, como já sugerido por Donahoe (1993, 2004), essa seria apenas uma das formas de produzir conhecimento sobre o comportamento em AC. A interpretação seria uma outra alternativa:

Mesmo que a análise experimental se restrinja de fato a eventos observáveis, a interpretação científica não o faz. A interpretação pode ter recursos para eventos não observáveis se: (a) eventos deste tipo tenham previamente se submetido à análise experimental, (b) os antecedentes do comportamento interpretado incluam condições suficientes para a ocorrência dos eventos não observados quando tais eventos foram observados e (c) as características dos eventos não observados e suas contribuições para processos correntes sejam restritas àqueles que já tenham sido demonstrados quanto tais eventos foram observados [ênfase adicionada]. (Donahoe, 1993, p. 454)

Portanto, a interpretação não exigiria a observação pública, mas isso não significa que qualquer descrição privada seria válida cientificamente. Como indicam os pré-requisitos destacados por Donahoe (1993), a interpretação estaria atrelada ao conhecimento previamente estabelecido no âmbito da AEC, ou seja, indiretamente estaria subordinada aos critérios de ob-

servação pública e controle social presentes no behaviorismo metodológico. Matos (1997) descreve essa curiosa relação nos seguintes termos:

Estudar eventos privados é uma tarefa que o behaviorista radical considera requisito essencial para entender o comportamento humano. A análise desses eventos não precisa ser colocada sob critérios sociais; para o behaviorista radical basta um observador, o próprio sujeito. Mas os dados dessa observação precisam ser replicáveis, e os conceitos que são utilizados ao lidar com esses dados devem se ajustar ao mesmo conjunto de leis e princípios utilizados na análise do comportamento em geral [ênfase adicionada] (Matos, 1990). (Matos, 1997, p. 64)

Supondo que haveria duas formas diferentes de produzir e validar conhecimento em AC (i.e., análise experimental e interpretação) e supondo que cada uma adotaria seus próprios critérios filosóficos - no primeiro caso, o behaviorismo metodológico com a verdade por consenso público; no segundo, o behaviorismo radical com um tipo de pragmatismo -, algumas reflexões seriam necessárias: (a) O behaviorismo radical não seria a filosofia geral a regular a AC como um todo? Como uma subárea, a AEC poderia manter, paralela e autonomamente, uma base filosófica não apenas diferente, mas incompatível com a orientação geral, o behaviorismo radical?; (b) Tendo os principais conceitos da área sido produzidos e validados inicialmente pela AEC e sua verdade por consenso público, e sendo a interpretação um conhecimento derivado e subordinado a esse nível mais básico, não seria o próprio behaviorismo radical um "behaviorismo metodológico de segunda ordem"?; (c) Como poderia o behaviorismo radical "dar as costas" ao método científico que lhe garantiu a própria existência e validade? Não seria o behaviorismo radical proposto por Skinner (1945, 1974/1976) um tipo de behaviorismo "ingrato", fundamentado filosoficamente no "oportunismo epistemológico" e no "pragmatismo de conveniência"?

Skinner (1974/1976) reconhece a importância histórica do behaviorismo metodológico e da estratégia em optar por lidar empiricamente com eventos publicamente observáveis na construção de uma ciência do comportamento incipiente:

A respeito de suas próprias metas, o behaviorismo metodológico foi bem sucedido [ênfase adicionada]. Ele lidou com muitos dos problemas levantados pelo mentalismo e se libertou para trabalhar em seus próprios projetos sem digressões filosóficas. Ao direcionar a atenção para antecedentes genéticos e ambientais, ele encerra uma concentração injustificada numa vida interior. Libertou-nos para estudar o comportamento de espécies inferiores, onde a introspecção (então considerada exclusivamente humana) não era praticável [ênfase adicionada], e para explorar semelhanças e diferenças entre o homem e outras espécies. (p. 16)

Curiosamente, Skinner, ao descrever supostamente o behaviorismo metodológico, está também descrevendo o início da sua própria carreira na psicologia, quando nos anos 1930 optou por identificar as relações comportamentais básicas ou fundamentais a partir da adoção do método experimental. Micheletto (1997), ao caracterizar a obra Skinneriana em sua fase inicial (i.e., o Skinner “jovem”), diz:

Em 1931, Skinner se propõe a fazer uma análise científica do comportamento a partir do conceito de reflexo. Um conceito que permitia estudar o comportamento a partir de uma *determinação observável no ambiente* [ênfase adicionada] e que permitia previsão e controle. . . . A partir de uma revisão histórica do conceito de reflexo, Skinner estabelece o conceito de *correlação observada entre estímulo e resposta* [ênfase adicionada]. Trabalhar com *eventos observáveis diretamente em organismos intactos afasta-o não só de visões metafísicas, mas também de supostos sobre o comportamento e procedimentos de investigação vinculados à fisiologia reflexa* [ênfase adicionada] Tomados de forma geral, *são positivistas* [ênfase adicionada] os critérios que Skinner adota para defender o estudo do comportamento a partir de *dados observados* [ênfase adicionada], afastando-se de noções metafísicas (pp. 33-34)

Assim, a exigência de observação pública e de controle social do conhecimento na fase inicial da AC foi crítica para a própria existência de uma ciência do comportamento de inspiração behaviorista. Skinner, nesse sentido, fez o que o próprio Watson (1913) defendeu para garantir a transição de uma psicologia mentalista para uma psicologia do comportamento: (a) suspender o uso da terminologia tradicional mentalista; (b) aplicar o método experimental às relações entre organismo e ambiente publicamente observáveis e construir com isso um conhecimento mais seguro sobre os fenômenos psicológicos (para uma análise histórica e crítica, ver Politzer, 1975). Watson (1913) previa inclusive que em uma fase posterior, com conceitos comportamentais mais confiáveis à disposição - extraídos da experimentação cuidadosa -, seria possível retornar aos termos e métodos da psicologia tradicional (introspeccionista) e selecionar o que teria validade ou não. Watson assim reservava em sua ciência espaço para um tipo de exercício teórico, dedutivo, similar à interpretação Skinneriana.

Considerações Finais

Os termos *metodológico* e *radical* para descrever formas diferentes de behaviorismo admitem um amplo conjunto de características definidoras. A necessidade de observação pública, no caso do behaviorismo metodológico, seria apenas um desses critérios. A ênfase e a simplificação na discussão desse elemento classificatório acabaram por levar a uma distorção na qual a observação pública é descrita algumas vezes como uma estratégia superada e dispensável. O ponto central do debate metodológico/radical parece ser outro: qual a natureza dos eventos psicológicos sob a pele? O behaviorismo radical corretamente reafirma a natureza comportamental desses eventos, naturalizando a subjetividade.

Outra questão seria como uma ciência do comportamento deveria produzir e validar seu conhecimento. De fato, algumas proposições behavioristas parecem ter dado margem a um dualismo implícito, ao admitirem exclusivamente dados observáveis publicamente. Assim, os eventos sob a pele seriam de outra natureza, a “mental”, e não seriam passíveis de investigação científica. Mas não necessariamente a defesa da observação pública na construção de princípios comportamentais seria atemporal e levaria à exclusão dos eventos privados.

É possível entender a adoção de critérios sociais de controle do conhecimento no behaviorismo de Watson e de Skinner (pelo menos em sua fase inicial) como uma estratégia histórica, explicável e válida para um contexto específico. Ambos precisavam iniciar sua empreitada científica e a psicologia tradicional não lhes oferecia segurança nem nos conceitos e termos utilizados para descrever os fenômenos psicológicos, nem nos métodos para conhecer tais fenômenos. Qual o caminho mais seguro a ser trilhado nesse cenário? Ambos os autores optaram por começar utilizando a experimentação de relações entre organismo e ambiente simples,

O equívoco do debate entre behaviorismo metodológico e behaviorismo radical parece residir na interpretação de que a observação pública é o inimigo do “bom” behaviorismo. Ela foi e é crucial para uma ciência do comportamento.

publicamente acessíveis e, por isso, socialmente controláveis. A princípio, não parece ter havido uma negação da validade de estratégias indiretas ou interpretativas ou mesmo considerações definitivas e completas sobre o lugar dos eventos psicológicos não acessíveis publicamente.

Naquele momento decisivo, o caminho para edificar uma ciência do comportamento ancorada em bases seguras recomendaria a adoção da verdade por consenso público. No caso de Skinner, após terem sido produzidas empiricamente as leis básicas da área, estavam prontas as ferramentas teóricas que o autor aplicaria em sua interpretação dos fenômenos comportamentais complexos, mais difíceis de serem submetidos ao exame em condições controladas. Portanto, o equívoco do debate entre behaviorismo metodológico e behaviorismo radical parece residir na interpretação de que a observação pública é o inimigo do “bom” behaviorismo. Ela foi e é crucial para uma ciência do comportamento. Ela norteia a prática não só dos analistas experimentais do comportamento trabalhando em laboratório, mas também a prática dos demais analistas comportamentais saudavelmente obcecados com a necessidade de objetividade, replicabilidade e de descrições baseadas em evidências averiguáveis.

É importante lembrar que a necessidade de observação pública e de demonstração empírica e lógica de um argumento surge em um contexto no qual um conhecimento podia ser produzido por mera “revelação” ou “inspiração” (resultado de um processo íntimo, espiritual, misterioso, incomunicável e indevassável) e mantido por autoridade (especialmente as real e religiosa). Comte combateu o conhecimento místico, individual e indiscutível (de papas, reis e assemelhados) e propôs critérios que, ao mesmo tempo, naturalizavam a produção de conhecimento (entendida como humana, mundana, sem vínculos com um mundo extrafísico a soprar verdades aos escolhidos) e democratizavam o seu acesso (qualquer um poderia, independentemente de sua origem ou classe social, potencialmente compreender, criar e testar uma teoria sobre o mundo). Ele reconhecia a falibilidade humana (daí a necessidade do *Método*) e tornava explicitamente a validação do conhecimento uma questão de convencimento público, uma tarefa irremediavelmente coletiva, regida pela razão argumentativa, e não pelo medo de contrariar uma autoridade.

Tais avanços são conquistas fundamentais da modernidade. Estão profunda e historicamente relacionados à própria ideia de democracia. Portanto, não deveria ser um estorvo para o analista do comportamento, o qual não deveria ter vergonha de adotá-lo. Talvez seja necessário, sim, discutir o papel complexo que tal critério assumiu em nossa história e reavaliar a partir disso as classificações e caracterizações tradicionais sobre o que fazemos e no que acreditamos.

Referências

- Abib, J. A. D. (2001a). Behaviorismo radical como pragmatismo na epistemologia. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* (Vol. 8, pp. 158-161). Santo André: ESETec.
- Abib, J. A. D. (2001b). Arqueologia do behaviorismo radical e o conceito de mente. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição. Expondo a variabilidade* (Vol. 7, pp. 20-35). Santo André: ESETec.
- Baum, W. M. (1999). *Compreender o behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: Artmed.

- Borba, A. & Tourinho, E. Z. (2009). Uso dos conceitos de eventos privados à luz de proposições pragmáticas. *Estudos de Psicologia*, 14(2), 89-96.
- Borkowski, J. G. & Anderson, D. C. (1981). *Psicologia experimental*. São Paulo: Cultrix.
- Carrara, K. (1998). *Behaviorismo radical: Crítica e metacrítica*. Marília: UNESP.
- Carvalho Neto, M. B., Souza, C. B. A., Strapasson, B. A. & Dittrich, A. (Em Preparação). Somos todos behavioristas metodológicos: Verdade por consenso público e a produção de conhecimento em análise experimental do comportamento.
- Dawkins, R. (2000). *Desvendando o arco-íris: Ciência, ilusão e encantamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Delprato, D. J. & Midgley, B. D. (1992). Some fundamentals of B. F. Skinner's behaviorism. *American Psychologist*, 47(11), 1312-1317.
- Dennett, D. C. (1997). Fé na verdade. *Disputatio*, 3, 3-21.
- Dinsmoor, J. A. (2003). Experimental. *The Behavior Analyst*, 26(1), 151-153.
- Donahoe, J. W. (1993). The unconventional wisdom of B. F. Skinner: The analysis-interpretation distinction. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 60(2), 453-456.
- Donahoe, J. W. (2004). Interpretation and experimental-analysis: An underappreciated distinction. *European Journal of Behavior Analysis*, 5(2), 83-89.
- Lattal, K. A. & Laipple, J. S. (2003). Pragmatism and behavior analysis. Em K. A. Lattal & P. N. Chase (Eds.), *Behavior theory and philosophy* (pp. 41-61). New York: Kluwer Academic/Plenum.
- Leigland, S. (2004). Pragmatism and radical behaviorism: Comments on Malone (2001). *Behavior and Philosophy*, 32, 305-312.
- Lopes, C. E. (2007). O conceito de estímulo no behaviorismo radical: Esboço de uma interpretação pragmatista. Em W. C. M. P. Silva (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Reflexões teórico-conceituais e implicação para a pesquisa* (Vol. 20, pp. 96-100). Santo André: ESETec.
- Malone, J. C. (2004). Pragmatism and radical behaviorism: A reply to Leigland. *Behavior and Philosophy*, 32, 313-315.
- Martin, M. (1978). Interpreting Skinner. *Behaviorism*, 6(2), 129-138.
- Marx, M. H. (1975). Observação, descoberta, confirmação e elaboração da teoria. Em A. R. Gilgen (Org.), *Psicologia científica contemporânea* (pp. 14-46). São Paulo: EPU.
- Matos, M. A. (1997). O behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (Vol. 1, pp. 54-67). Santo André: Arbytes.
- Micheletto, N. (1997). Bases filosóficas do behaviorismo. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (Vol. 1, pp. 29-44). Santo André: Arbytes.
- Micheletto, N. (1999). Behaviorismo e outros ismos. Em R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Psicologia comportamental e cognitiva: Da reflexão teórica à diversidade da aplicação* (Vol. 4, pp. 3-12). Santo André: Arbytes.
- Moore, J. (1981). On mentalism, methodological behaviorism, and radical behaviorism. *Behaviorism*, 9(1), 55-77.
- Moore, J. (1989). Why methodological behaviorism is mentalistic. *Theoretical and Philosophical Psychology*, 9(2), 20-27.
- Moore, J. (2001). On distinguishing methodological from radical behaviorism. *European Journal of Behavior Analysis*, 2(2), 221-244.
- Moxley, R. A. (1998). Why Skinner is difficult. *The Behavior Analyst*, 21, 73-91.
- Moxley, R. A. (2001). Sources for Skinner's pragmatic selectionism in 1945. *The Behavior Analyst*, 24(2), 201-212.
- Politzer, G. (1975). *Crítica dos fundamentos da psicologia I*. Lisboa: Editorial Presença.
- Popper, K. (1989). *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix.
- Russell, B. (1969). *A perspectiva científica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Sagan, C. (1996). *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sidman, M. (1976). *Táticas da pesquisa científica*. São Paulo: Brasiliense.
- Skinner, B. F. (1938). *The behavior of organisms: An experimental analysis*. New York: Appleton-Century-Crofts.

- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52(5), 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. New York: The Free Press. (Trabalho original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (1966). What is the experimental analysis of behavior? *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 9(3), 213-218.
- Skinner, B. F. (1976). *About behaviorism*. New York: Vintage Books. (Trabalho original publicado em 1974)
- Sokal, A. & Bricmont, J. (1999). *Imposturas intelectuais*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.
- Strapasson, B. A., & Carrara, K. (2008). John B. Watson: Behaviorista metodológico? *Interação em Psicologia*, 12(1), 1-10.
- Tourinho, E. Z. (1993). A noção pragmática de conhecimento e a noção skinneriana de conhecimento de si mesmo. *Acta Comportamental*, 2(2), 219-232.
- Tourinho, E. Z. (1996). Behaviorismo radical, representacionismo e pragmatismo. *Temas em Psicologia*, 4(2), 41-56.
- Tourinho, E. Z. & Neno, S. (2003). Effectiveness as truth criterion in behavior analysis. *Behavior and Philosophy*, 31(1), 63-81.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177.

Instituição afiliada à ABPMC



Centro de Análise do Comportamento de São Paulo (CeAC)

À exceção das instituições divulgadas nos números anteriores - AMBAN, IBAC, IEPAC e Paradigma -, as demais instituições afiliadas à ABPMC foram convidadas a publicar um texto de divulgação neste número do BC. No entanto, apenas o CeAC atendeu ao convite no prazo estipulado, motivo pelo qual representa o único instituto divulgado neste número.

Criado em 1994 pelas psicólogas Maly Delitti e Priscila Derdyk, o Centro de Análise do Comportamento de São Paulo (CeAC) tem o objetivo de oferecer serviços com qualidade, propiciando o desenvolvimento psicológico, social e emocional do ser humano.

Partimos do pressuposto de que a psicologia, como ciência, deve ser aplicada de forma criteriosa e ética, favorecendo bem-estar e qualidade de vida. A proposta de nosso trabalho é aliar o que há de mais moderno e objetivo da ciência do comportamento aos instrumentos que a tecnologia nos oferece. Assim como Skinner (1974), acreditamos que "os problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser resolvidos se melhorarmos nossa compreensão do comportamento humano".

Nossos serviços visam ao desenvolvimento de cada pessoa para a construção de uma sociedade equilibrada, justa e uma vida mais gratificante. Para atingir nossos objetivos, os profissionais de nossa equipe são formados pelas melhores universidades, com pós-graduação e experiência na aplicação da psicologia às diferentes áreas de relacionamento do ser humano.

No CeAC, atendemos crianças, adolescentes, adultos, casais e famílias, nas modalidades de terapia individual e em grupos. Além do atendimento clínico, temos também grupos de estudo e supervisão clínica, grupos de orientação de pais, workshops para formação de terapeutas de casais, grupos e famílias, orientação profissional e outros.

Avenida Faria Lima, 2081, conjunto 31.
Telefone: (11) 3031-9908
www.ceaconline.com.br